

# Histórias de muitos carnavais

Autor de nove livros sobre música brasileira, André Diniz lança obra sobre a festa pagã

---

Miguel Conde

---

**O** dia nublado esconde o Cristo, que nos dias de sol ele enxerga logo acima das mirradas plantas da janela, mas de resto tudo certo com o cenário que André Diniz escolheu como local de trabalho: cigarros amassados no cinzeiro; Velha Guarda da Portela tocando no computador (estamos falando de um mangueirense convicto, mas não sectá-

rio); uma foto de Zico, Pelé e companhia; várias fotos de Pixinguinha e companhia, por todos os lados; um bandolim jogado numa estante; uma corneta pendurada na parede; livros nas vagas disponíveis.

Neste ambiente um tanto caótico, mas nada improvisado, Diniz escreveu, nos últimos sete anos, nove livros sobre música brasileira. Entre eles, está o recém-lançado "Almanaque do carnaval" (Zahar, 272 páginas, R\$ 39). Ilustrada com 120 imagens, cheia de quadros informativos, a obra é resultado das aspirações que animam o his-

torizador durante suas batucadas no teclado: contar histórias pouco conhecidas da música brasileira, mostrar como elas permitem discussões amplas sobre nossa sociedade, e — segundo ele a parte mais difícil — fazer isso de um jeito que as pessoas sintam vontade de ler.

— Até levei algumas broncas dos amigos acadêmicos por causa do livro do Anacleto de Medeiros ("O Rio musical de Anacleto de Medeiros", também lançado pela Zahar) — lembra Diniz. — Mas se eu fosse contar a história dele me limitando totalmente ao

que está registrado em documentos, não contava nada. Tem muito pouca coisa.

Não só sobre Anacleto de Medeiros, ele acrescenta. Embora entre todas as artes a música seja a que está mais entranhada na vida cotidiana do país, e apesar dos esforços isolados de autodidatas apaixonados pelo assunto, só mais recentemente começou a ser construída de fato uma historiografia musical do Brasil, diz o autor.

— A trajetória completa das marchinhas, que botei no almanaque, não se encontra em livro nenhum — afirma. *Continua na página 2*

**DINIZ EM CASA:**  
um mangueirense  
com simpatia  
pela Portela e  
paixão por  
Pixinguinha



# Um almanaque nem sisudo nem festivo

Historiador celebra anarquia, mas questiona posições dos críticos e permanência de práticas de segregação social

O "Almanaque do carnaval" — que será lançado hoje às 14h em roda de samba na Livraria Folha Seca (Rua do ouvidor 37) — conta a história da festa no Brasil a partir dos gêneros que, segundo Diniz, deram forma a ela: o samba, a marchinha, o frevo e o axé. Por isso, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia são os estados em que o livro — sem trocadilhos — se concentra. São Paulo, hoje graças à televisão o terceiro carnaval mais visto do país, ficou de fora. Nenhuma música do carnaval de lá ganhou dimensão nacional, justifica o historiador, que ao explicar a exclusão comete um ato falho:

— Não pretendia contar os carnavais de maior *contabilidade*, quer dizer, visibilidade, mas aqueles que influenciaram o resto do país.

## Defesa da importância cultural do axé

O ponto mais controverso do livro, ele admite, é a inclusão do axé, detestado pelos críticos, no meio de gêneros tradicionais da música brasileira. Está lá a história de Daniela Mercury, a parceria da cantora com Negoinho da Bahia, figura central do samba-reggae baiano, e algumas traulitadas em quem rejeita o gênero que fez do "aê, aê, aê" seu elxo lexical.

— Não tenho pretensão de fazer um julgamento estético, mas é impossível não reconhecer a importância cultural do axé, que inclusive resultaria mais tarde na valorização de personagens importantes da música brasileira. A explosão das bandas de axé e pagode na década de 1990 tem muito a ver com essa redescoberta do samba que a gente vê agora, as pessoas lotando os bares da Lapa — argumenta.

Ele mesmo, diz, nunca foi de axé. Era por outros motivos que a mãe de André Diniz implicava com o gosto musical do filho.

— Quando eu era adolescente, passava horas ouvindo discos de Dolores Duran, Roberto Ribeiro, Clara Nunes. Minha mãe ficava louca: "tira essa col-

sa de velho!" — lembra o historiador, hoje um trintão de barba espessa e barriga respeitável.

Como tantas broncas maternas, as de Dona Lourdes adiantaram pouco. Diniz foi estudar história na UFF, fez mestrado na Uni-Rio e transformou o gosto por "coisas de velho" na sua profissão. Ou melhor, em uma delas: ele é também vereador pelo PT em Niterói e secretário de Cultura da cidade. Os livros sobre líderes comunistas guardados no

armário talvez merecessem da mãe o mesmo comentário dirigido aos discos antigos, mas ele diz que não gosta de misturar as coisas:

— Sou político, com orgulho, mas não gosto de falar nisso quando estou comentando meus livros. Em geral, a primeira reação das pessoas a uma informação dessas é de antipatia e desconfiança.

Mas suas preocupações políticas transparecem no seu trabalho de historiador. Em-

bora não seja sisudo, o almanaque de Diniz tampouco é festivo. Se reconhece a anarquia hierárquica que desde sempre caracteriza o carnaval brasileiro, também chama atenção para as práticas que preservam, durante a festa, as interdições que já vigoram o ano inteiro. É o caso do abadá, que alguns blocos cariocas tentaram, sem sucesso, importar para o Rio nos últimos carnavais.

— Os abadá's fazem uma se-

gregação cruel, que não é apenas econômica. No livro, eu conto o caso de uma menina que tinha dinheiro para comprar o abadá, mas foi vetada porque foi considerada feia — diz. — Mas eu acho que isso nunca vai pegar no Rio.

Apalxonado pelo Cordão do Bola Preta, Diniz vê com tristeza a situação de inadimplência do bloco ("é um patrimônio da cidade, a prefeitura deveria fazer alguma coisa"), assim como lamenta as aparições da Manguei-

ra nas páginas policiais.

— Já há um tempo que eu deixei de freqüentar a escola. Procuo outras quadras, onde a história da comunidade seja valorizada — diz ele, um dos compositores derrotados pelo traficante Tuchinha na disputa de sambas-enredo da Mangueira deste ano. — Fiquei nas oitavas, mas competi também na Cubango e lá fui até a final. Já tentei ser músico, mas quem, como eu, pesquisa tanto o assunto acaba ficando exigente. ■

Mônica Imbuzeiro



● **'CARNEVA-**

**LE':** O termo italiano quer dizer "adeus à carne". Assim os cristãos se referiam ao período de glotonice antes dos 40 dias da Quaresma, durante os quais eles só podiam comer peixe. Foi daí que surgiu a festa.

● **ZEZÉ:** Uma

das mais populares marchinhas de João Roberto Kelly, "Cabeleira do Zezé" não foi inspirada em nenhum gay, e sim num garçom, conhecido do compositor, que usava cabelo comprido — e, parece, *não era*. Será?

Berg Silva



Luiz Avila



● **ENTRUDO:**

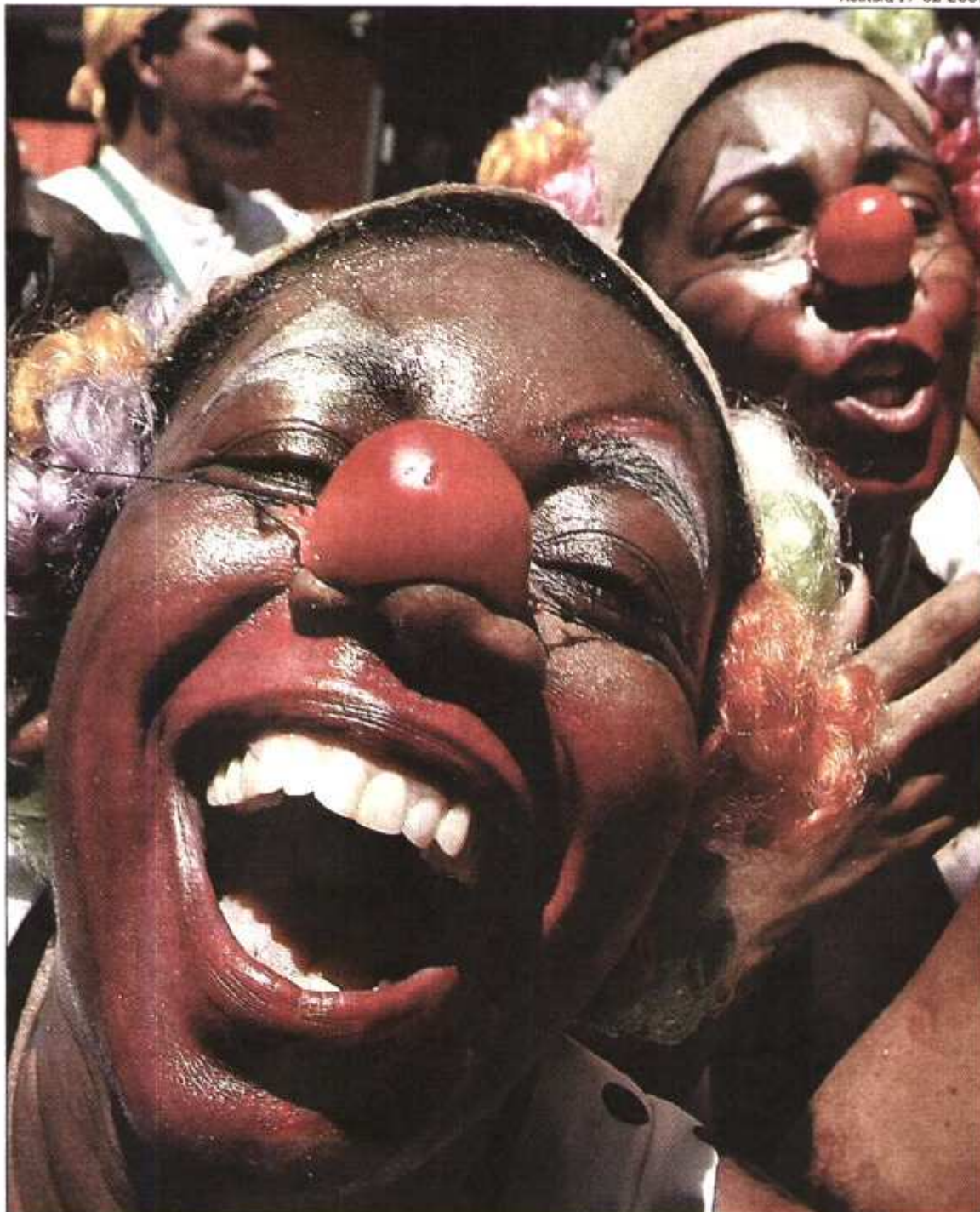
Nome estranho, festa esquisita. "Importado" de Portugal já no século XVI, o entrudo era uma "guerra" em que os foliões jogavam uns nos outros polvilho, farinha e limões cheios de água, urina e o que mais se pudesse imaginar.

● **BENÇA:** Pre-

cursores das escolas de samba, os ranchos tinham porta-estandarte, três mestres-salas e diversos músicos. Para desfilar, porém, tinham que passar antes nas casas das tias baianas, para serem aprovados por elas.

Fernando Amorim-A. Tarde





ÊXTASE NO DESFILE do Cordão do Bola Preta na Rio Branco: autor lamenta endividamento do bloco